

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

CELSON TSEREHOBABATE TSERENHOWATSIHU

AS REPRESENTAÇÕES DA PINTURA CORPORAL A'UWE UPTABI

GOIÁS
2025

CELSON TSEREHOBABATE TSERENHOWATSIHU

AS REPRESENTAÇÕES DA PINTURA CORPORAL A'UWE UPTABI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Câmpus Cidade de Goiás, como requisito para obtenção da licenciatura em artes visuais.

Orientador: Prof. Mestre Guilherme de Castro Duarte Martins

Coorientador: Prof. Doutor Felipe Matheus Pires da Conceição

GOIÁS

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de
Goiás – Campus Cidade de Goiás

704.0398

T882r Tserenhowatsihu , Celson Tserhobabate .

**AS REPRESENTAÇÕES DA PINTURA CORPORAL
A'UWE UPTABI** / Celson Tserhobabate Tserenhowatsihu ;
orientador, Guilherme de Castro Duarte Martins, coorientador, Felipe
Matheus Pires da Conceição – Cidade de Goiás, 2025
55 f.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Cidade de Goiás,
Departamento de Áreas Acadêmicas, Licenciatura em Artes Visuais.

1. A'uwê U'ré. 2. Pintura. 3. Abare'u Pipa. I. Martins, Guilherme
de Castro Duarte, orientador. II. Conceição, Felipe Matheus Pires da,
coorientador. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia. IV. Título.



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor:

Matrícula:

Título do Trabalho:

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Goiás _____, 25/02/2026.
Local _____ Data

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS CIDADE DE GOIÁS

Folha de Aprovação

CELSON TSEREHOBABATE TSERENHOWATSIHU

As representações da pintura corporal A'uwe Uaptabi

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Cidade de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Monografia defendida e aprovada, em 15 de dezembro de 2025, pela banca examinadora constituída pelos seguintes membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Guilherme de Castro Duarte Martins

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Me. Felipe Matheus Pires da Conceição

Coorientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. M.a Renata Tavares de Brito Falleti

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Profa. Dra. Mirna Kambeba Omágua Yetê Anaquiri

Membro Externo

Universidade Federal do Sul da Bahia

Profa. Dra. Naira Rosana Dias da Silva

Membro Interno Suplente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

GOIÁS – GO

2025

Documento assinado eletronicamente por:

- Renata Tavares de Brito Falleti, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 23/12/2025 15:36:02.
- Naira Rosana Dias da Silva, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 23/12/2025 11:43:14.
- Felipe Matheus Pires da Conceicao, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO, em 23/12/2025 10:49:23.
- Mirna Kambeba Omágua Yetê Anaquiri, Mirna Kambeba Omágua Yetê Anaquiri - Docente - Ufesba (18560547000107), em 23/12/2025 10:48:58.
- Guilherme de Castro Duarte Martins, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 23/12/2025 10:21:01.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 09/12/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 726692

Código de Autenticação: af7a9501ad



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Rua 02, Quadra 10, Lote 01 a 15, Residencial Bauman, S/N, Centro, GOIAS / GO, CEP 76600-000
(62) 3442-0212 (ramal: 0212)

Às pessoas especiais que contribuíram para minha trajetória, registro minha sincera gratidão à minha esposa e aos meus filhos, cuja presença e companhia fortaleceram meu caminho.

Estendo meus agradecimentos aos meus irmãos, aos meus pais e a toda a minha família, que sempre estiveram ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu povo A'uwê Uptabi (Xavante), por todo ensinamento, força e sabedoria que me acompanham desde a infância. É a partir da minha comunidade, da nossa história e das nossas relações que construo quem sou e encontro o sentido da caminhada que me trouxe até este momento.

Meus agradecimentos profundos aos meus avós, Ângelo Amhö'ödi e Deosila Ró'ó nhõ'õ Tsere'õmõwi, que já partiram para o mundo ancestral, mas permanecem vivos em minhas lembranças e em minha espiritualidade. Foram eles que me ensinaram valores fundamentais como respeito, coragem, trabalho e coletividade princípios que sigo carregando em todas as etapas da minha vida.

Agradeço também aos meus irmãos, que caminham ao meu lado e me fortalecem com apoio, incentivo e coragem.

Registro minha profunda gratidão às pessoas que contribuíram para que eu pudesse reconhecer, afirmar e valorizar minha identidade indígena. Agradeço ao meu orientador, Guilherme de Castro Duarte Martins, e ao meu coorientador, Felipe Matheus Pires da Conceição, que me acompanharam com diálogo, respeito e compromisso ao longo deste trabalho.

Sou igualmente grato aos estudantes e aos professores do curso de Artes Visuais, que compartilharam saberes e experiências que enriqueceram minha formação.

Meu agradecimento especial à Elenizia da Mata, que me oportunizou o acesso ao curso e me apresentou ao Instituto Federal de Goiás. Graças a ela pude iniciar essa etapa tão importante da minha vida acadêmica.

Agradeço profundamente à minha esposa e companheira, Maria Gercina Rebawe, e aos meus filhos, que me encorajam todos os dias. Sua presença, apoio e compreensão foram essenciais em todo o percurso.

Estendo minha gratidão aos meus colegas de trabalho, especialmente à Kiaia Souza, que sempre apoiou a causa indígena com sensibilidade e respeito pelo meu caminho profissional.

Expresso também meu agradecimento ao meu pai, Mateus Tserenhowatsihu Tseredze, e à minha mãe, Selma Pedzu Amhö'ödi, assim como ao meu outro pai, Mauro Tsibdadze, e à minha outra mãe, Simoni Tsinhõtse Enhinariwê, que me criaram

ao lado dos meus avós, oferecendo cuidado, afeto e orientação. Cada um deles tem papel essencial na pessoa que me tornei.

Agradeço ainda ao professor Hélio Simplicio Rodrigues Monteiro, amigo e irmão sempre presente e comprometido com a causam indígena e à Raisia Cavalcante, que sempre se disponibilizou a apoiar e se fez presente em nossas vidas, e à Victoria Souza Magalhães, cuja empatia e dedicação me ajudaram em momentos de dificuldade.

Registro minha gratidão à diretora Maria Cristina, do CEPI – Professor Alcide Jubé, que lutou e correu atrás do meu contrato para que eu pudesse atuar como professor intérprete da língua materna. Sua dedicação tornou possível essa conquista. Agradeço igualmente ao professor Cristóvão Tserero'odi Tsoropre, que me oportunizou experiências fundamentais nessa função.

Por fim, agradeço aos meus irmãos Lauro Tserewano'õwe Urébété e Jeferson Rãirité Tsibdadzé, que são para mim exemplos e protagonistas. Eles cuidaram de nós, mostraram caminhos, orientaram e incentivaram nossos estudos, fortalecendo sempre a importância da educação.

Agradeço também à Escola Pluricultural Odé Kayodê, onde meu filho mais velho e minha filha estudam, e a toda a equipe escolar, pelo cuidado, acolhimento e compromisso.

A todos e todas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho deixo aqui meu mais profundo Hepãri.

Da'u'rê na Tela do Mundo

Pinto para não esquecer.
Pinto porque a memória respira
quando a cor encontra o espaço
e o gesto encontra seu povo.

No silêncio do pincel,
há vozes antigas que caminham
comigo.
Ouço meus avós chamando o tempo,
trazendo o vento que guarda histórias
e o chão que ensina o pertencimento.

A pintura não é só imagem
é território vivo,
é corpo que lembra,
é caminho que não se apaga.

Quando traço o vermelho,
eu devolvo ao mundo o ritmo do
coração
quando traço o preto,
eu escrevo a força dos clãs
que seguem firmes,
põ'redza'õnõ, õwawê,
cada linha um respeito,
cada forma uma memória.

Eu pinto para que a cultura não
adormeça,
para que minha gente continue
nascendo
mesmo quando o mundo tenta nos
silenciar.

Na tela, o espaço se abre
como um terreiro de dança,
como a aldeia ao amanhecer,
como o corpo que se pinta
para existir inteiro.

A arte é meu lugar de resistência,
é minha voz que ecoa longe,
é meu modo de dizer
que seguimos vivos,
fortes,
ancestrais,
presente.

Pintar é manter aceso o fogo
que atravessa gerações.
É afirmar ao mundo
nossa cultura não desaparece.
Ela pulsa.
Ela cresce.
Ela vive na cor,
no gesto,
na memória,
e no futuro que estamos criando
com as próprias mãos.

Tserenhobabate.

Lista de Ilustrações

Figura 1: Fotografia antes da luta de Ói'ó (luta de raiz), Dzeremã, Tserenhobabate, Hiwari, Tserenhitōwê.....	14
Figura 2: Fotografia de família da aldeia Êtênhō'repré, ritual de furação de orelha.....	15
Figura 3: Fotografia de Ahu'rã.....	17
Figura 4: Fotografia em festa junina na Escola Estadual Heronides Araújo.....	19
Figura 5: Fotografia tirada do meu celular com meus colegas de trabalho em marcenaria com Baltazar, Isaías e eu, Tserenhobabate.....	20
Figura 6: Fotografia dentro da marcenaria.....	21
Figura 7: Fotografia da minha família.....	23
Figura 8: Pö'redza Ōnō e Ōwōwê.....	25
Figura 9: Ói'ó.....	27
Figura 10 : Wapté.....	30
Figura 11: Aihō'ubuni.....	31
Figura 12: Pahōri'wa.....	32
Figura 13: Pahōri'wa.....	33
Figura 14: Escolha do Pahōri'wa.....	33
Figura 15: Tébé.....	34
Figura 16: Tébé preparando para vestir Wamhōrō.....	35
Figura 17: Tébé vestido com Wamhōrō.....	35
Figura 18: Tsada'rã	37
Figura 19: Tsada'rã (Foto).....	37
Figura 20: Herói'wa.....	38
Figura 21: Herói'wa (Foto).....	39
Figura 22: Uiwede.....	41
Figura 23: Preparação para a corrida.....	42
Figura 24: Corrida com tora de Buriti.....	43
Figura 25: Ahu'rã.....	45
Figura 26: 'Ritéi'wa.....	48

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. Apresentação – Quem é Tserenhobabate.....	11
2. PÖ'REDZA ÕNÕ E ÖWÖWÊ – Como o povo A'uwê se organiza.....	25
2.1 ÓI'Ó: luta de raiz.....	27
2.2 WAPTÉ: os adolescentes.....	30
2.3 HERÓI'WA – Ritual de passagem para a vida adulta.....	38
2.4 'RITÉI'WA – Jovem.....	48
Considerações Finais.....	50
Referências.....	51

AS REPRESENTAÇÕES DA PINTURA CORPORAL A'UWE UPTABI

Celson Tserehobabate Tserenhowatsihu¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar minha infância na aldeia Êtênhō'repré, onde estudei o ensino fundamental e aprendi, com meus avós o valor do trabalho, da família e do cuidado coletivo. Cresci ajudando na roça, pescando, coletando frutos da natureza e vivendo em harmonia com minha comunidade. Passei pelos rituais de crescimento dos meninos A'uwê Uptabi, como a luta de raiz, o período na casa dos adolescentes, a furação de orelha e a transição para Herói'wa e depois Ritéi'wa que serão relatados nesse estudo, a partir da minha experiência. Esses processos marcaram minha formação e me ensinaram responsabilidade, respeito e convivência com o grupo Abare'u. Com apoio de colegas de trabalho, ingressei no Instituto Federal de Goiás, no curso de Artes Visuais. Durante minha formação no IFG, aprendi a reconhecer injustiças, a compreender o racismo, a valorizar os saberes do meu povo e a ocupar espaços acadêmicos com autonomia. Assim, minha pesquisa tem responsabilidade de valorizar minha comunidade, fortalecer nossos saberes e continuar lutando pela visibilidade e pelos direitos dos povos indígenas.

Palavras-chave: A'uwê U're, Pintura, Abare'u Pipa

Resumo: Āhā rómhuri hā, tedza we watsu'u, idzapóre ihöimānā mōnōdzé daró Êtênhō'repré 'remhā, ōhā darób're te irómhuridzé, duré te irómhuri mōnōdzé ihi'rata nōrimê, duré te imā irōwaihu'u dzahurédzé datsimā dahöimana dzémnāhā. Wa iprédu ró burunā ihi'rata tsiré, duré pe'adzō wa're iné, amhōdzōwamhā, abahi māri rōmnā 're ihöimānā dza'ra mōnōdzō hā. Tawamhā dató wa we a'mānhā, Ōi'ó, Ub'ranhōwa mhā, tamé wate irō, ótó herói'wa, 'Rité'wa, tahā wawe awatsu'u, tewe iró a'mā dö'ö munō. Āhā dató tewe i amānhārihā wawe āmā rōwaihu'u, datsimā dahöimana prédu bdzéhā da'utsui're, Abare'u pipa hōimanā dzéhā. Ótó waduré ādzé rómhuré 'rāihō'u róptede'wa pá Mānādō mäte ipō're wadza itsitsi hā Elenízia da Mata, tawamhā wa damé tsapri rómhuré nāhā, wa'ādzé, ótó rómhuré, rómhuré dzé mhitsihā Instituto Federal de Goiás, 'wamhānhā rómhōré Artes Visuais. Te rómhuré 'remhā ró'mādō mawe imā atsōdzi, tsirómā wate 'ri'ahō nā ihöimānā dza'ra mōnō hā wa'āmā 're itódza'ra munō nāhā, duré date 're iwaba'a dza'ra munō nāhā, tawamhā wawe ró'mādō, wahöimādzé mnā ihöimāprédu wawe 'mānhā, inhimirómhuri nā wamhā, wawe te 'rā dzarō'tōmōnō wahöimānādzéhā. Āné dzarinā rómhuri wawe 'mānhā watenā, wa'u'rénā, watsinā wahöimānā prédu ptsi nāhā, wate ró'wapé dza'ra monōda date wadza're tse dza'ra monōda, duré wate tsiptete dza'ra monōda wahöimādzé hā.

Palavras-chave: A'uwê U're, Pintura, Abare'u Pipa

¹ Graduando no curso de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto Federal de Goiás – Cidade de Goiás.

Introdução

Eu, Tserenhobabate, filho do povo A'uwê Uptabi, assumo neste trabalho a responsabilidade de falar com minha própria voz, não como observador, mas como portador vivo dos saberes ancestrais que aqui relato. Cada palavra escrita carrega meu corpo, minha memória e minha experiência da luta, da pintura, os cantos, a corrida e os rituais que me formaram como A'uwê Uptabi. Esse relato é uma afirmação de presença, resistência e identidade, é um ato de reivindicação do direito do meu povo de contar sua própria história.

Escolho escrever a partir de mim, porque esta pesquisa nasce do corpo que viveu os rituais, que recebeu o Da'u'ré, que aprendeu com os mais velhos e que carrega essas marcas até hoje. Essa escolha metodológica é fundamentada na autoetnografia, entendida como uma escrita em que “o eu não é objeto, mas eixo político e epistêmico da produção de conhecimento” (MIRANDA, 2022). Para Miranda, a autoetnografia é uma prática contra-hegemônica que rompe com o distanciamento colonial e reivindica o saber vivido como teoria. Assim, narrar minha infância, meus rituais e minha formação é um gesto metodológico e político, é afirmar que minha experiência não é apenas memória individual, mas conhecimento ancestral, comunitário e legítimo.

Da mesma forma, este texto dialoga com o conceito de escrevivência, que compreende a escrita a partir do vivido como forma de existência e resistência. Ao escrever minha história, pratico uma forma de conhecimento que nasce do corpo e retorna para o corpo, corpo pintado, educado, ritualmente formado. Assim, minha escrita é também um ato de lugar de fala, porque “falo desde onde meus pés tocaram o chão”, desde o centro da aldeia, desde as pinturas e dos ensinamentos que constituem minha identidade.

Os clãs Pö'redza'õñõ e Öwöwê não são estruturas distantes ou abstratas, são forças vivas que organizam nossa sociedade, mantêm o equilíbrio entre nós e nos conectam à natureza. Um clã é girino, símbolo de transformação e continuidade, o outro é rio, força, fluxo e estabilidade. Entre eles aprendemos que a vida é relação e que o respeito não é escolha, é lei. O gesto e casamento entre clãs, cada ensinamento passado aos jovens reafirma que pertencemos uns aos outros, à terra e aos espíritos que nos cercam.

A pintura corporal Da'u'ré é a nossa escrita sagrada no corpo. Traço é palavra, a cor é história, o símbolo é memória. Nos rituais dos Wapté, no Heró'wa, no Ritéi'wa, nas lutas de raiz e nas celebrações comunitárias, a pintura se torna força visível, expressão de coragem e pertencimento. Não se trata de estética, é pedagogia, espiritualidade e educação ancestral. O corpo pintado ensina disciplina, paciência, cooperação e respeito, conecta o indivíduo à coletividade e fortalece a continuidade dos saberes transmitidos pelos ancestrais.

Ao apresentar este estudo, reafirmo que o povo A'uwê Uptabi não é objeto de pesquisa, mas sujeito ativo de sua história. Por isso, a autoetnografia é o método que permite que este trabalho não “fale sobre” os A'uwê Uptabi, mas fale a partir de um A'uwê Uptabi. Como aponta Miranda (2022), escrever sobre si é um ato de insurgência epistêmica, coloca o saber originário no centro, rompe com o olhar colonial e produz conhecimento desde dentro.

Dessa forma, este trabalho não registra apenas costumes, mas vivências, aprendizagens e resistências. É a voz de quem corre, luta, canta, pinta e escuta os ancestrais, lembrando que ser A'uwê Uptabi é viver em equilíbrio com a natureza, com a comunidade e consigo mesmo. É escrever não para ser observado, mas para afirmar que existimos, resistimos e permanecemos.

Escrever estas páginas é também pressão e presença, um chamado para que a academia reconheça o saber indígena como legítimo, vivo e presente. É um lembrete de que nossa tradição não está no passado, mas pulsa hoje, nos corpos, nas pinturas, nos rituais e nas histórias que continuamos a contar.

Assim, meu corpo, minha experiência e minha voz estão aqui para provar que o povo A'uwê Uptabi existe, resiste e ensina. Este trabalho é, portanto, mais que acadêmico, é manifesto, presença e memória viva do nosso povo.

1. Apresentação – Quem é Tserenhobabate

Vivi durante toda a minha infância na aldeia ÊTênhõ'repré, estudei o ensino fundamental dentro da comunidade. Quando estudava de manhã, à tarde eu trabalhava na roça com meus avós. O meu avô se chamava Ângelo Amhõ'ödi e minha avó, Deosila Ró'ó nhõ'õ Tsere'õmōwi. Meus avós trabalhavam o dia todo para que tivéssemos de ter alimentos, pois a nossa família é muito grande. O meu nome é Celson Tserenhobabate Tserenhowatsihu, mas prefiro ser chamado de

Tserenhobabate, o povo que se autodenomina como A'uwê Uptabi (Xavante), que vive no Estado de Mato Grosso.

Um dia, um jovem aproximou-se do meu avô e o elogiou dizendo: “Você é o trabalhador”. E ele respondeu: “Não, eu não sou trabalhador, eu estou trabalhando pensando nos meus netos, eu trabalho pensando no que meus netos irão comer amanhã, ou depois de alguns meses. Eu sou a pessoa que pensa no sustento da família, que cuida da sua casa, então, eu não sou trabalhador, eu sou a pessoa que luta para manter a família viva, sustentada”.

A minha infância foi tão boa que, no final de semana, brincávamos no rio ou pescávamos peixes. O meu avô levava a gente para procurar a represa². São esses peixes que a gente procura para pescar. Para essa pesca, tiramos o Aba'wadzi (Cipó) de uma árvore e depois batemos em cima de tronco de árvore dentro do rio e o líquido do cipó saí, como meu avô ensinou. Depois de terminarmos, esperamos até os peixes ficarem tontos, os pegamos e levamos. No dia seguinte, voltamos para pegar o resto dos peixes que ficam por cima do rio; os pássaros também se alimentam junto com a gente. Também acompanhava a minha avó na coleta de frutos da natureza, como vários tipos de fruta³, batata, remédios naturais e outros alimentos que são retirados da natureza.

Eu não era estudioso, não gostava de estudar; quando ia à escola, eu ia para merendar, fazer outras coisas. Frequentemente, fugíamos da aula para passear. Durante as aulas, comíamos frutos de onde os alunos trabalhavam e plantavam, tais como: goiaba, caju, abacate, manga e outros.

No ano de 2005, eu passei pelo processo de furação de orelha. Esse é o momento em que são desenvolvidas várias atividades culturais com meu grupo Abare'u. Para eu entrar nesse processo, meus avós decidiram que eu poderia passar para outra fase. Eles prepararam o Abadzi (barbante) e, depois disso, ficou tudo pronto.

Antes de eu entrar na fase da adolescência, teve a luta de Ói'ó (luta de raiz). Quando essa luta terminou, eu tomei banho. Depois esperei a pessoa me buscar em minha casa e me levar ao meu grupo. Essa pessoa entra na casa e dá meia volta e a

² Represa: ela se forma quando a chuva vem, o rio enche e sai da sua rota, a terra represa a água e os peixes entram; quando a chuva para e rios diminuem, os peixes ficam presos.

³ Frutas como Mă'õni tó (Caju), Buriti, 'ritó (Mangaba), A'õ (Jatobá),

gente sai seguindo. Eu com a minha cabeça pintada de vermelho de urucu⁴ depois da luta de raiz, mandaram lavar só o meu corpo, porque estava pintado de vermelho na barriga e o corpo todo de preto. Nesse dia, não se sai com a pintura, usa só o cabelo pintado, seguindo o corte tradicional do povo; então, estava esperando o padrinho que vem buscar em casa para levar a gente para casa do Hö (casa dos adolescentes).

Eu passei um dia nessa casa. Na manhã seguinte, os nossos pais vieram para casa do Hö, começaram a nos pintar para que pudéssemos dançar com os nossos anciãos, passando em cada casa, fazendo o nosso canto como Wapté (adolescente). Cantamos o dia todo, até o sol se pôr, tivemos um pouco de descanso quando anoiteceu, tomamos banhos bem rápidos, depois fizemos o canto da noite e encerramos. No dia seguinte, fomos bem cedo no centro da aldeia, onde “Danhimiwanhõ” irá pintar seus afilhados, a partir dali os Wapté vão para os rios, onde o meu grupo passou 30 dias batendo na água.

Agora o jeito de chamar irá mudar de Wapté para Herói'wa⁵. Quando passar esses 30 dias, Herói'wa é iniciado; daí, deslocamos para as nossas casas, onde nos sentamos em frente da porta. Então, entra um dos nossos padrinhos escolhidos do clã Öwawê para furar as nossas orelhas, ele tem uma responsabilidade grande de tomar cuidado para não errar a furação.

⁴ No texto, a palavra urucum será substituída por Bö, como é pronunciado pelo nosso povo.

⁵ Herói'wa: ritual que dura cinco meses, entre maio a setembro.

Figura 1: Fotografia antes da luta de Ói'ó (luta de raiz), Dzeremã, Tserenhobabate, Hiwari, Tserenhitōwê.



Fonte: arquivo pessoal, 2005

Figura 2: Fotografia de família da aldeia Êtênhõ'repré, ritual de furação de orelha



Fonte: arquivo pessoal, 2005.

Então, quando foi furada a minha orelha, não senti nada, eu acho que fui anestesiado pelo rio gelado. Depois da furação de orelha, voltamos para o rio, passamos mais uma noite. No dia seguinte, saímos do rio e voltamos para casa para tratar a orelha a fim de não infeccionar. A comida feita para nós é com água e o arroz,

sem mistura com carne ou feijão, comemos o arroz sem misturar com óleo para que a orelha sare mais rápido. Depois de sarar, voltamos para casa do Hö.

Em seguida teve Nõni (competição de corrida com grupo oposto, mas acontece a corrida com os clãs Pö'redza'õnõ e Öwawê também). A corrida durou um mês, depois parou e começou a corrida das mulheres, e os homens saíram da aldeia para longe de suas casas com nosso grupo Abare'u e padrinhos e de outro grupo fora, também para a caçada, que chamamos de Mãnädö.

Na caçada, ficamos uma semana, durante esse período, os padrinhos saem para a caça, nós íamos pescar. À tarde tomamos banho e o pessoal da caçada retorna e nós preparamos a comida. Eles trazem a carne da caçada e comemos quando os mais velhos deixam. Esperamos que eles decidam que começamos a jantar, geralmente os mais velhos chegam só à tarde, porque eles saem de madrugada e passam o restante do dia caçando. Quando a caça fica maior, o ancião decide que está na hora de retornar para comunidade e, retornando para aldeia com a caça, nós somos pintados pelos nossos padrinhos, e eles também se pintam.

Nesse retorno, os nossos padrinhos carregam os pedaços de carne para nossas madrinhas e eles distribuirão no centro da aldeia para elas, cada um tem seu par, onde dança o Wanãridóbe durante todo esse ritual. Chegando para o centro da aldeia, os cestos cheios de carne de caça serão carregados do outro grupo para casa do Pahöri'wa e Tébe. Voltamos novamente para a casa do Hö no mesmo dia acontece a competição de corrida entre o grupo, para quem chega primeiro ao nõi. Essa competição acontece com o Clã Pö'redza'õnõ e Öwawê e depois esperamos o Ahu'rá.

Figura 3: Fotografia de Ahu'ra



Fonte: arquivo pessoal, 2005.

Com Wamhõrõ (a fibra de broto de buriti, que cobre todo corpo de cabeça aos pés) saímos com ela vestido. E nossos padrinhos saem correndo para tirar da gente. Nós continuamos a andar normalmente depois que tirarem o nosso Wamhõrõ, até chegarmos ao centro da aldeia. Quando chegamos ao centro da aldeia, paramos e esperamos o restante do grupo, e nossos padrinhos continuam a buscar normalmente

o Wamhõrõ. Quando todo o grupo chega, saímos correndo para pegar Uiwededzada'rã (o tronco de árvore), carregamos para o centro da aldeia, depois começa a dança, que dura o dia todo. Só para quando o A'ãmã sair para pedir que parem.

Como ele pede? Durante o canto, o A'ãmã sai da sua casa e ele começa a chorar, esse choro é um pedido que eles descansem para amanhã, pois irá ter Tsa'uri (corrida de maratona), que não sabemos quantos quilômetros, mas também é a competição de corrida entre dois Clãs, Pö'redza'õnõ e Öwawê, que irão competir. O intuito é para que eles cheguem antes do outro Clã, que são do mesmo grupo, mas se compete com o clã oposto que é Pö'redza'õnõ e Öwawê, sendo que um desses dois chega primeiro ao centro da aldeia. Agora se encerra a fase de Herói'wa, então retornamos para nossas casas e seremos agora 'Ritéi'wa (Guardião).

Depois de eu passar o processo de adolescente para 'Ritéi'wa segui a minha vida com meus irmãos e outra parte com meu grupo Abare'u. Nós somos felizes, a nossa rotina é trabalhar na roça. Quando o tempo da chuva chega, as plantas começam a florescer e nós ficamos felizes de nossos trabalhos. Depois dos frutos crescerem, a nossa casa vai ser a roça. Gostamos mais de passar o tempo na roça, porque comemos os frutos, como: melancia, abóbora, mandioca, milho, batata e outros.

Eu e os meus três irmãos crescemos juntos, nós éramos inseparáveis, nós matávamos as aulas, passávamos o tempo comendo caju, uva, goiaba. Em 2013, eu saí da aldeia Êtênhõ'repré para Tsi'rãmi, onde a minha mãe mora. Cresci longe da minha mãe, fiquei muito anos com meus avós, eu ia todos os dias para escola que ficava em outra aldeia. A escola se chamava Jucelino Tserenã'a, é para lá que eu ia com a minha bicicleta. Em minha aldeia, outras duas pessoas estudavam comigo, com eles eu ia para escola, eu era protagonista, eu os chamava para irmos, mesmo que eles não tivessem vontade de ir, eu os incentivava. Seus nomes eram Pascoal Tsere 'uwawê e Malaquias Tsuba'a.

Figura 4: Fotografia em festa junina na Escola Estadual Heronides Araújo.



Fonte: arquivo pessoal, 2015

Em 2014, fui para a cidade de Barra do Garças, morei com meu irmão Jefferson 'Rãirité Tsibdadzé, para que eu pudesse estudar. Então, a minha primeira aula foi tudo de bom, tivemos abertura de fala de boas-vindas da escola, mesmo eu sem entender, aplaudi. No segundo dia, começam as aulas de verdade, copiava de boa, eu sou presente na sala, mas entender o professor, eu não entendia. Fazia a prova de qualquer jeito, o que era de marcar X eu tentava responder, o que era de responder

eu marcava X, eu levava as minhas dúvidas pra casa ou palavras para perguntar ao meu irmão.

Ele atendia as minhas dúvidas, assim fui aprendendo a entender um pouco. Durante um ano, eu sabia cumprimentar, mas não sabia falar, as pessoas falavam tão rápido que me perdia durante as aulas dos professores. Mas depois de um ano, no segundo bimestre, estudei à noite no Heronides Araújo, esse motivo da minha transferência foi porque eu tive que trabalhar para sobreviver na cidade e continuar a estudar. Então, trabalhei na marcenaria como lixador dos móveis por quase dois anos.

Figura 5: Fotografia tirada do meu celular com meus colegas de trabalho em marcenaria com Baltazar, Isaías e eu, Tserenhobabate.



Fonte: arquivo pessoal, 2015

Figura 6: Fotografia dentro da marcenaria



Fonte: arquivo pessoal, 2015.

Então o professor Cristóvão Tserero odi Tsörörpré me convidou a trabalhar com professor intérprete da língua materna em Aragarças – Goiás, em 2017. Aceitei trabalhar, tive que acompanhar o meu irmão, ele não fala português. Os nossos colegas nos acolheram muito bem, trabalhei três anos como professor intérprete. O meu irmão trabalhou também, o mais novo depois de mim, aquele que como ele era mais novo, agora esse era segundo.

Então, em 2019, voltei para aldeia, fiquei um ano parado vivendo de caça e pesca. Em 2020, trabalhei de novo como professor regente na aldeia São Brás, por cerca de um ano e voltei para aldeia Tsuwede'wa. Fiquei lá, passei a sentir a dor tão forte da perda do meu irmão, Douglas Tserenhitōwê Tserenhowatsihu.

Eu era feliz

A minha vida era feliz
Depois de você foi embora
Sinto falta de ti
Sinto a dor no peito

A dor da alma, nunca se cura
Foi isso que você me deixou
13 de maio foi marcado
Não te jugo, foi pressão que passamos

A nossa infância não foi fácil nem
Lembro que gastou o meu dinheiro
Lembro que gastei seu dinheiro

Doeu, a minha alma está ferida
O que me doeu, ir antes da hora
Mas tudo bem eu sei, nós sentimos a mesma coisa.

A minha vida mudou, por isso não gosto de relembrar o meu passado, estou dividido entre dois mundos: um onde os nossos antepassados voltam. Saí da aldeia, em 2021, para trabalhar no lugar do meu irmão em Goiás e cuidar do meu irmão Leão Uptede Tserenhowatsihu.

Para conseguir o contrato foi uma luta, porque não foi fácil. Com ajuda da atual diretora Maria Cristina, comecei a trabalhar em outubro, dois meses sem salário, recebi só em dezembro. Para eu ir às férias de dezembro, eu e Hedenio recebemos ajuda de nossos colegas de trabalho, eles fizeram a vaquinha e fomos para nossa

aldeia. Na volta das férias, a vereadora Elenízia da Mata nos encontrou, falou com a gente e no outro dia apresentou o Instituto Federal de Goiás-GO.

Eu e meu irmão fomos também, tinham vagas abertas para fazer vestibular. Fiz a inscrição. No dia antes da prova, nos encontramos na porta do Instituto, conversamos, fizemos a prova e eu passei para o curso de Artes Visuais. O tempo foi passando conheci novas pessoas humildes. Para mim, o que importa na vida é falar o que você gosta ou o que importa na vida é fazer o que você gosta

Figura 7: Fotografia da minha família



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Esse curso me ajudou a entender como é importante criticar as coisas e não dizer só o sim para tudo. Nesses três anos aprendi a ver o mundo injusto, o sistema que escraviza pessoas. Antes de eu sair da cidade de Barra do Garças, não tinha conhecimento sobre o que era o racismo. A minha cidade pratica muito racismo, só que ninguém entende isso, eles não chamam a gente pelo nome. Gosto do meu curso, pretendo finalizar e fazer outras coisas, fazer novas experiências, um Mestrado se der

tudo certo e continuar a seguir até o tempo me dizer que está na hora de eu voltar para minha comunidade.

Sou essa pessoa

Sou a pessoa que lutou

Sou a pessoa silenciosa

Sou a pessoa que preserva

Sou a pessoa que aprende em silêncio

Sou a pessoa que perdoa do mundo do silêncio

Sou a pessoa que andou muito na estrada para escola

Sou a pessoa que esconde a sua felicidade

Sou a pessoa que esconde sua dor

Sou a pessoa que perdeu alguém

Sou a pessoa que se sente sozinho

Sou a pessoa que chora por dentro

Sou a pessoa que era feliz

Sou a pessoa já foi feliz

Sou a pessoa que está dividido

Em maio de 2025, enfrentei a dor da perda da minha avó, uma mulher sábia e forte sonhadora, que foi referência em minha vida. Como neto, cresci junto com ela, foi ela que cuidou da minha infância toda, sua memória ficará comigo, sua sabedoria. Ela era uma guardiã de histórias, de cantos, de tradições e de afetos que marcaram profundamente minha trajetória. Sua presença sempre me inspirou a valorizar e a continuar os ensinamentos do nosso povo. Mesmo em sua ausência física, levo comigo sua memória, suas palavras e o compromisso de seguir honrando nossa cultura e identidade, através da minha pesquisa e da minha caminhada enquanto artista e educador indígena A'uwê.

Sou estudante do Instituto Federal de Goiás (IFG), no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Ao longo da minha trajetória como pesquisador indígena, reconheço

que esse percurso acadêmico foi fundamental para que eu me reconhecesse com mais consciência e orgulho como pessoa indígena do povo A'uwê Uptabi. Por meio do curso, aprendi a me posicionar, a ocupar espaços de fala com autonomia e a valorizar ainda mais a história, a cultura e os saberes do meu povo.

Estou próximo de concluir minha graduação, mas meu compromisso com a pesquisa, com a valorização dos conhecimentos ancestrais e com a luta pelos direitos e pela visibilidade dos povos indígenas permanece firme. Pretendo seguir investigando e fortalecendo minha identidade e a de minha comunidade por meio da arte, da educação e do diálogo intercultural.

2. PÖ'REDZA ÕÑÕ E ÖWÖWÊ – Como o povo A'uwê se organiza

Figura 8: Pö'redza Õñõ e Öwöwê



Fonte: arquivo pessoal, Produção de papel com lápis de cor. 2024.

Os clãs Pö'redza ãñõ e Öwöwê são fundamentais na organização social e espiritual do povo A'uwê Uptabi (Xavante). Esses dois nomes carregam origens simbólicas e profundas dentro da cosmologia do nosso povo:

- Pö'redza ãñõ tem origem associada ao girino, símbolo de transformação e continuidade da vida.

- Öwöwê está ligado ao Rio Grande (ou Rio Manso), representando o fluxo, a força e o equilíbrio da natureza.

Essas duas referências naturais não são apenas nomes, elas expressam a forma como os A'uwê Uptabi compreendem o equilíbrio entre os clãs, o respeito mútuo e a interdependência entre os grupos. A existência de dois clãs principais é essencial para manter a harmonia social e o respeito entre todos, garantindo que cada pessoa saiba o seu lugar nas relações comunitárias.

No convívio social da comunidade, o papel dos clãs é cuidar um do outro. Há, porém, regras tradicionais que orientam essas relações. Por exemplo, existe o respeito na comunicação com o sogro e a sogra, e a regra fundamental sobre o casamento, que deve sempre ocorrer entre pessoas de clãs diferentes, um membro do clã Pö'redza ñõ se casa com alguém do clã Öwöwê, e vice-versa. Essa união entre clãs reforça o laço de cuidado, respeito e equilíbrio dentro da comunidade.

Quando uma nova vida nasce, o filho ou filha herda o clã do pai, dando continuidade à linhagem e à identidade do grupo. Assim, o sistema de clãs também é uma forma de transmissão de pertencimento e de valores entre gerações.

A convivência entre os clãs baseia-se no respeito, na escuta e na cooperação. Cada pessoa aprende desde criança que deve respeitar o espaço e o momento de fala do outro, seja em reuniões, rituais ou atividades cotidianas. Pedidos de materiais, trocas de objetos e interações devem sempre ser feitos com calma e educação, evitando gritos ou atitudes que possam gerar conflitos.

Quando há um desentendimento entre membros dos clãs, o outro grupo tem o papel de intervir para acalmar a situação e restaurar o equilíbrio. Depois disso, o conflito é discutido coletivamente e as decisões são respeitadas por todos. Por isso, o respeito é considerado o valor mais importante dentro da convivência A'uwê Uptabi. Ele é ensinado desde cedo como base para viver bem, manter a união entre os clãs e preservar a harmonia da comunidade.

2.1 Ói'Ó: luta de raiz

Figura 9: Ói'ó



Fonte: arquivo pessoal, Produção com tela e tinta acrílica. 2024.

A pintura corporal, chamada Da'u'rê na língua A'uwê Uptabi, é uma das expressões mais profundas da identidade, espiritualidade e organização social do povo. Ela não é apenas uma forma estética de enfeitar o corpo, mas sim uma linguagem visual que comunica origem, fase da vida, sentimentos, força e pertencimento. Cada traço, cor e forma carrega significados ancestrais, transmitidos oralmente pelos mais velhos.

Desde a infância, os pais escolhem as pinturas dos filhos, especialmente nas cerimônias do Ói'ó (luta de raiz), momento fundamental na formação dos meninos. Essa escolha não é feita por acaso, ela reflete a observação cuidadosa do comportamento, da força e do temperamento da criança. O pai, conhecendo seu filho,

identifica as qualidades que deseja realçar através da pintura, transformando o corpo do menino em um símbolo vivo de coragem e respeito.

Quando o menino é forte e robusto, recebe a pintura vermelha em forma de quadrado no estômago e nas costas, representando energia, vitalidade e firmeza. O restante do corpo é pintado com carvão, cor associada à proteção espiritual e à resistência física. Já os meninos magros e altos são pintados inteiramente de vermelho com urucum, que simboliza leveza, agilidade e foco.

Se o pai percebe que o filho tem um espírito bravo e corajoso, mistura carvão com urucu, criando um tom marrom meio avermelhado. Essa mistura simboliza equilíbrio entre força e coragem, indicando um jovem preparado para desafios maiores. Essas pinturas não são apenas visuais, elas têm poder espiritual. O corpo pintado torna-se uma extensão da alma, e cada cor invoca forças de que acompanham o menino em sua caminhada.

Durante a luta de raiz, essas pinturas são também formas de reconhecimento social. Cada traço expressa o caráter, a força e a coragem de quem luta, e os anciãos observam com atenção o comportamento de cada jovem. A vitória ou a derrota na luta não é o mais importante, o que vale é a atitude, o respeito pelo adversário e a resistência. Através dessa prática, os meninos ganham o respeito do grupo adversário e deixam sua história registrada nas memórias da comunidade.

Além disso, a pintura Da'u're está diretamente ligada aos clãs Pö'redza ãñõ e Öwöwê, que se enfrentam de forma simbólica nas lutas e rituais. Independentemente de lado representa um equilíbrio espiritual necessário para manter a harmonia da vida coletiva. Assim, quando os meninos se pintam, eles não estão apenas adornando seus corpos, mas reafirmando a continuidade dos clãs, a união entre eles e o respeito que sustenta a comunidade.

As pinturas também têm um papel pedagógico. Através delas, as crianças aprendem o valor da paciência, do autocontrole e da responsabilidade. Pintar o corpo exige concentração, cuidado e entendimento das regras do ritual. Nenhum traço pode ser feito sem conhecer, as linhas onde o urucum e carvão pode ser usado, as mãos devem ser limpas, para que as energias fiquem forte e transmitida a pessoa que está recebendo a pintura. Os mais velhos explicam o significado de cada forma, e o ato de pintar torna-se um momento de aprendizado e de fortalecimento da identidade cultural.

Para o povo A'uwê Uptabi, o corpo é um território sagrado, ele guarda a memória dos ancestrais e manifesta a ligação com a natureza. A tinta, feita com elementos da semente de urucum, das plantas e do carvão, representa a união entre o corpo humano e os espíritos e ao preparo a quem recebe. Por isso, a pintura nunca é apenas uma decoração, mas sim uma forma de espiritualidade viva, uma arte que fala sobre quem somos, de onde viemos e qual é a conexão com terra e o papel no mundo.

A luta de raiz, chamada Ói'ó na língua A'uwê Uptabi, é um dos rituais mais antigos e significativos do povo. Ela representa muito mais do que um simples combate físico, é uma escola de vida, onde os meninos aprendem valores fundamentais como o respeito, a coragem, o controle emocional e o sentido de coletividade. Através da luta, o jovem inicia sua jornada rumo à maturidade, sendo observado atentamente pelos anciãos, pelos padrinhos e pelos líderes da aldeia.

Desde cedo, os meninos participam das cerimônias da luta. Quando chega o momento, o pai e os irmãos decidem que o jovem vai lutar com qual adversário. Antes disso, há todo um processo de preparo, o corpo é pintado com cores que combina com seu corpo, e o espírito é fortalecido por meio de raízes mastigados, conselhos e rituais de purificação.

A luta de raiz é também um encontro entre os clãs Pö'redza ññ e Öwöwê. Cada lado se organiza com disciplina, seguindo regras de respeito e harmonia. Não há ódio, mas sim competição simbólica, que reafirma a coragem entre os dois clãs. O confronto físico é acompanhado por grupo de adulto que já passaram pelo ritual, e pelo olhar atento dos anciãos, que percebem na postura, no olhar e na resistência dos jovens o sinal de sua força interior e maturidade.

Durante a luta, cada movimento carrega significados espirituais. Cair e levantar simboliza a persistência diante das dificuldades da vida. Enfrentar o adversário com firmeza, mas sem desrespeito, ensina o valor e honra. Os meninos aprendem que ser forte não é apenas vencer, mas controlar a raiva e agir com sabedoria. Após as lutas, todos canta ao redor da aldeia, reforçando a amizade e a união entre os clãs e seus grupos.

Ao final do ritual, os mais velhos reúnem para conversar. Nesse momento, as palavras dos anciãos têm grande importância, pois transmitem conselhos sobre como se comportar como verdadeiros homens A'uwê Uptabi. Eles lembram que a força física deve sempre caminhar junto com o respeito e a humildade.

A luta de raiz, portanto, é também um rito de passagem. Através dela, o menino demonstra que está pronto para seguir para uma nova etapa da vida, a entrada na casa dos adolescentes, onde será formado espiritualmente, fisicamente e moralmente para se tornar um homem responsável.

Esse processo é profundamente educativo e espiritual. Ele une corpo, mente e tradição, mostrando que a arte, a pintura e o movimento estão ligados à formação do caráter e da alma. Assim, o Ói'ó não é apenas uma prática física, mas um ensinamento ancestral que fortalece o respeito ao mesmo tempo a dor entre dois clãs e a continuidade dos saberes do povo A'uwê Uptabi.

2.2 WAPTÉ: os adolescentes

Figura 10: Wapté



Fonte: Arquivo pessoal, desenho no papel com lápis de cor e caneta Nankin preta. 2025

Entre os A'uwê Uptabi, a pintura corporal é um elemento essencial da identidade e da formação social. O traço, cor e forma expressa ensinamentos ancestrais e marca o pertencimento aos clãs, grupos e fases da vida. No caso dos Wapté, os adolescentes que iniciam seu ciclo de aprendizagem e amadurecimento, a

pintura simboliza o momento de transição entre a infância e a vida adulta, sendo acompanhada por rituais e cantos que fortalecem a coletividade e o respeito às tradições.

As pinturas corporais dos Wapté possuem significados profundos, que representam o ciclo de vida e o aprendizado dentro da comunidade. Todos os grupos de Wapté utilizam a mesma pintura, o corpo é pintado de vermelho atravessando pelo ombro, com um desenho quadrado na barriga que se estende pelas costas, seguindo a coluna. Nas pernas, aplica-se o carvão preto. Essa pintura simboliza o momento em que o jovem começa a amadurecer, como o pássaro que aprende a voar, um tempo de crescimento, preparação e descoberta do seu papel na sociedade A'uwê Uptabi.

Durante os cantos rituais na aldeia, todos os adolescentes são pintados de forma semelhante, vermelho na barriga e nas costas, acompanhando a coluna, e carvão nas pernas. Nessas ocasiões, também ocorre a escolha dos Aihö'ubuni, uma função de grande importância dentro do grupo.

Figura 11: Aihö'ubuni



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com tela, material tinta acrílica, acrílica e caneta nanquin preta. 2025

Os Aihö'ubuni são seis adolescentes escolhidos pelos antigos Aihö'ubuni para atuarem como mediadores entre os padrinhos e o grupo, auxiliando no processo educativo e na organização das atividades. Esses jovens recebem uma pintura totalmente vermelha e enfeites diferenciados, que os distinguem dos demais. Eles

também passam pelo furo da orelha, momento marcante que é acompanhado de cantos específicos desde o amanhecer até a noite, encerrando-se com um canto final.

No dia seguinte, ocorre a corrida de buriti, um dos momentos mais esperados do ritual. Toda a aldeia se reúne, os grupos opostos e aliados participam e torcem, num clima de alegria. O tronco de buriti é grande e pesado, exigindo força e preparação do corpo. Independentemente do resultado, todos comemoram com seu grupo, os anciãos do grupo vencedor ficam felizes, mas mesmo os que perdem celebram, pois o valor maior está na participação e no fortalecimento dos laços comunitários. Ao final, há a partilha da comida entre os padrinhos e seus afilhados, simbolizando a amizade e o respeito.

Figura 12: Pahöri'wa



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com tela, material tinta acrílica, acrílica e caneta nankin preta. 2025

Figura 13: Pahöri'wa



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal, ritual Pahöri'wa.

Figura 14: Escolha do Pahöri'wa



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal, escolha do Pahöri'wa.

Encerrando essa etapa, alguns anos, dois jovens do clã Pö'redza'õnõ são revelados pelos anciãos. À tarde, realiza-se o canto em sua homenagem e, na manhã seguinte, acontece o furo da orelha desses dois jovens, que recebem o nome de

Pahöri'wa. Após o ritual, eles passam a aumentar o tamanho do furo da orelha, que será usado no rito de passagem para a vida adulta, usará o dente de capivara na orelha, por isso eles usam o brinco maior os demais grupos, o restante usa normal. A pintura dos Pahöri'wa permanece a mesma, o desenho quadrado na barriga e nas costas, seguindo a coluna. Eles representam a continuidade da tradição e o compromisso com a formação moral e compromisso ao grupo.

O restante dos adolescentes mantém a pintura comum dos Wapté, exceto os Aihö'ubuni e os Pahöri'wa, que possuem características próprias em suas pinturas e funções. Nos cantos de dia inteiro, todos são pintados de modo igual, fora dessas ocasiões, cada um mantém sua pintura tradicional conforme seu papel no grupo.

Antes da revelação dos Pahöri'wa, os Aihö'ubuni caminhavam à frente do grupo. Após a revelação, essa posição passa aos Pahöri'wa, que lideram as saídas para os cantos diurnos e noturnos. Atrás deles ficam os Tébé, dois jovens escolhidos do clã Öwöwê, que também têm papel essencial dentro do grupo, contribuindo para o grupo e o fortalecimento da coletividade.

Figura 15: Tébé



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com tela, material tinta acrílica, acrílica e caneta nanquin preta, 2025.

Figura 16: Tébé antes de vestir Wamhõrõ



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal. Preparando para usar a vestimenta.

Figura 17: Tébé vestido com Wamhõrõ



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal. Usando a vestimenta Wamhõrõ.

Assim, o ritual dos Wapté expressa o ensino tradicional A'uwẽ Uptabi, a pintura, canto, corrida é papel social que carrega um ensinamento dos antes passados. É por meio desses processos que os jovens aprendem o respeito, a cooperação e a importância de pertencer à comunidade. A pintura, nesse contexto, é muito mais do que um ornamento, é linguagem, símbolo e memória viva que conecta o presente às origens do povo.

As pinturas dos Wapté revelam a profunda relação entre corpo, espírito e conhecimento no modo de ser A'uwẽ Uptabi. Cada traço pintado na pele expressa a passagem de um tempo, a transformação de uma fase da vida e a ligação com os clãs Pö'redza'õnõ e Öwöwê, que se respeita na estrutura social da aldeia. Através dessas práticas, o corpo torna-se uma forma de escrita sagrada, em que se inscrevem as histórias e os saberes transmitidos pelos anciãos.

Com isso, compreende-se que a pintura não é apenas uma estética visual, mas uma pedagogia ancestral, uma maneira de ensinar e reafirmar a identidade do povo. Registrar e valorizar esses rituais é reconhecer a força da tradição e a continuidade da cultura A'uwẽ Uptabi como um conhecimento vivo, em constante movimento e renovação.

Preparação e Pinturas dos Anciãos

Quando o ritual se aproxima, toda a aldeia entra em um estado de grande expectativa. Os anciãos, que são os guardiões dos saberes ancestral, iniciam a preparação, pintando-se com formas geométricas, de várias formas de representativa das pinturas. Essas pinturas representa as heranças das famílias. O quadrado representa a pintura do pahöri'wa. Neste canto, apenas os mais velhos cantam, toda a comunidade comemora, mulheres também participa.

Alguns anciãos possuem pinturas próprias e exclusivas, transmitidas dentro das famílias e clãs. Essas pinturas são uma assinatura espiritual, semelhante aos animais, como na pintura do lobo-guará, o prestígio e a história de cada grupo familiar. Os demais seguem as pinturas tradicionais, reforçando o sentido de união entre todos.

Figura 18: Tsada'ra



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com tela, material tinta acrílica, acrílica e caneta nanquin preta. 2025.

Figura 19: Tsada'ra



Fonte: Print do vídeo no Kawai.

Saída da Casa dos Jovens (HÖ)

No dia seguinte, os adolescentes deixam a casa do HÖ, onde passaram longo tempo em aprendizado e preparação. Essa casa é um espaço de formação física, espiritual e moral, onde os jovens aprendem sobre disciplina, respeito, cooperação e identidade A'uwẽ Uptabi.

Ao saírem, seguem para o centro da aldeia, onde os padrinhos (Danhõhui'wa) já os esperam, pintados inteiramente vermelho de urucu, aguardando com materiais. Quando os afilhados chegam, os padrinhos traçam linhas vermelhas de urucu sobre seus corpos. Esse gesto é um símbolo de transmissão de poder e proteção, marcando o vínculo espiritual entre padrinho e afilhado.

Em seguida, os jovens seguem o ancião, que os conduz até o rio, onde ocorre uma etapa de purificação e resistência entre o corpo e rio.

2.3 HERÓI'WA – Ritual de passagem para a vida adulta

Figura 20: Herói'wa



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com tela, material tinta acrílica, acrílica e caneta nankin preta. 2025

Figura 21: Herói'wa

Fonte: Arquivo pessoal, fotografia, 2025.

Durante trinta dias, os jovens vivem à beira do rio, em uma convivência intensa com a água. Desde o amanhecer até a madrugada, eles batem a água com as mãos, em gestos que vão além da Performance, são gestos de força de luta e de aprendizado. Essa prática simboliza a resistência e o compromisso do grupo com a tradição. Cada movimento, cada respingo, é um diálogo com os ancestrais e com os espíritos que habitam o rio. Ali, os jovens aprendem a respeitar o tempo da natureza, a paciência e o silêncio que ensinam mais do que as palavras.

A água é viva, é sagrada. Ela limpa o corpo e o espírito, leva embora o cansaço e traz de volta a coragem. Nesse período, a união entre os jovens se fortalece, pois o que acontece no rio não é apenas um treino de resistência, mas uma lição de convivência, responsabilidade e respeito. Estar juntos, firmes, é mostrar que a força de um depende da força de todos.

Há entre eles aqueles que guiam e dão exemplo: Pahöri'wa, Tébé, Aihö'ubuni e Irö'rada. Esses nomes carregam sabedoria e liderança. São os que caminham à frente, que nunca abandonam o grupo e mantêm acesa a chama da tradição. Eles ensinam com atitudes, mostrando que ser forte não é dominar, mas cuidar. São eles que inspiram os mais novos a seguirem o mesmo caminho, com coragem e espírito de luta.

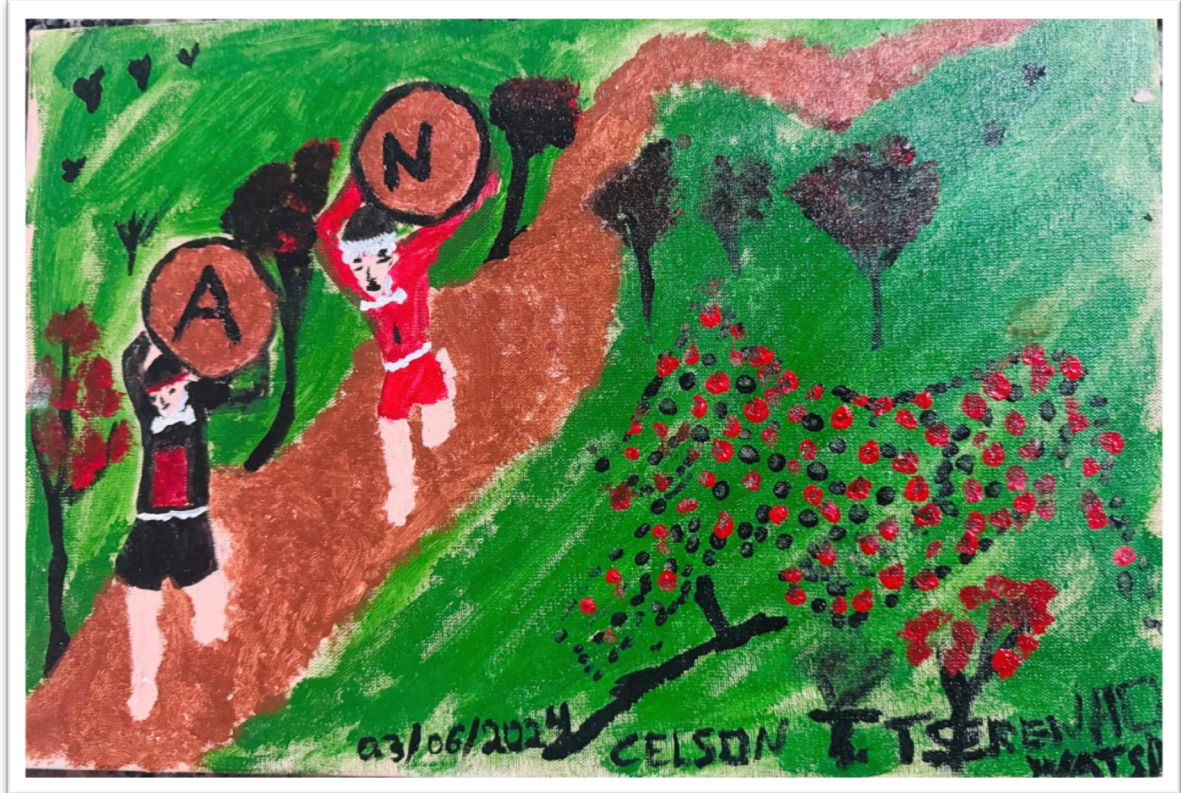
Durante essa convivência com o rio, chega também o momento do furo das orelhas, um dos rituais mais importantes da vida de um jovem A'uwẽ Uptabi. O furo não é apenas um enfeite, ele é um símbolo de escuta e sabedoria. Quando a orelha é furada, o jovem passa a ouvir de outro modo, escuta os conselhos dos mais velhos, as histórias antigas, os cantos sagrados, os sonhos e as vozes invisíveis dos espíritos.

Esse ato marca o início de uma nova etapa. O jovem deixa de ouvir apenas com os ouvidos e passa a escutar os ancestrais através de sonhos e aprender a lidar com o espírito. A partir daí, ele carrega consigo a responsabilidade de cuidar do que aprendeu, de manter viva a palavra dos ancestrais e de continuar o caminho de seu povo. O rio, a dor e a água se unem como um só ensinamento, o corpo aprende, o espírito dos ancestrais se fortalece.

Ao final desses trinta dias, o jovem não é mais o mesmo. Ele sai do rio renovado, com o olhar mais firme e o espírito mais leve. Carrega consigo a coragem, a paciência e a sabedoria que nascem da tradição. O rio o ensinou a resistir, e o furo da orelha o ensinou a escutar duas forças que caminham juntas, como o som da água e o eco dos ancestrais.

Uiwede Dapo're Dzapu'urãté hã: corrida de buriti depois de furação de orelha

Figura 22: Uiwede



Fonte: Arquivo pessoal, desenho feito com tinta acrílica. 2024

Figura 23: Preparação para a corrida



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal, preparados para a corrida do Buriti.

Figura 24: Corrida com tora de Buriti



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal, subindo a ladeira com tora de Buriti.

Depois do furo das orelhas, tem início a corrida de buriti, uma das partes mais emocionantes e desafiadoras do ritual. É o momento em que o corpo, a mente e o espírito se unem em uma só força. Todos os jovens são pintados inteiramente de

vermelho com urucu, cobrindo o corpo e o cabelo pintado seguem o corte de cabelo tradicional, que marca sua nova fase dentro da comunidade.

A corrida de buriti encerra um ciclo de transformação. O jovem que atravessa o percurso não é mais o mesmo que entrou no rio dias atrás. Ele agora carrega a marca da coragem, da tradição e do compromisso com o seu povo. Essa corrida é mais do que um ato físico é uma celebração da vida, da união e da continuidade dos saberes A'uwẽ Uptabi.

Depois disso tem a corrida, com cerca de cento e cinquenta metros, é um verdadeiro teste de resistência e coragem. Cada passo, cada respiração, carrega o peso simbólico da ancestralidade. Os jovens não correm apenas por si mesmos correm em nome de seus clãs, de suas famílias e de todo o povo. Cada um leva consigo o orgulho de pertencer à sua origem e a responsabilidade de honrar os ensinamentos recebidos.

Antes de iniciar a corrida, eles recebem novamente a pintura com quadrados na barriga e nas costas, além do carvão nas pernas. Essa pintura é um símbolo de equilíbrio e proteção. O vermelho do urucu expressa a vida, o calor e a energia vital, enquanto o preto do carvão representa a força e leveza, a firmeza e a defesa espiritual. Juntas, essas cores formam um elo entre o corpo e o espírito, preparando os jovens para o desafio que está por vir.

Durante a corrida, o som das vozes da comunidade ecoa como incentivo. Os mais velhos observam com orgulho, pois sabem que aquele momento não é apenas uma competição, mas um aprendizado profundo. A poeira do chão se mistura com o suor e a força dos jovens, e cada chegada simboliza uma vitória do clã Pö'redza'õnõ tanto para Öwawê.

Ahu'ra: Pintura da última corrida

Figura 25: Ahu'ra



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com tela, material tinta acrílica. 2025



Dentro do Herói'wa, há um momento muito especial chamado Ahu'rã, uma das etapas mais esperadas e respeitadas do ritual. Nesse momento, os jovens passam por uma transformação simbólica e espiritual, são pintados com carvão em todo o corpo até o pescoço, ficando completamente pretos. Essa pintura representa a concentração, o poder, a força interior e a prontidão para enfrentar o desafio que vem a seguir. O preto é a cor que protege e silencia, preparando o espírito para agir com coragem e equilíbrio.

O Ahu'rã é uma corrida tradicional que acontece entre os dois grandes clãs do povo A'uwê Uptabi: os Pö'redza'õñõ e os Öwöwê. Esses clãs são fundamentais para

a organização social, pois não são rivais, e sim parceiros complementares, responsáveis por manter o equilíbrio, o respeito e a harmonia dentro da comunidade. Um depende do outro, como o dia depende da noite e a terra depende da chuva.

Durante a corrida, cada grupo demonstra sua força, resistência e agilidade. A disputa é simbólica não se trata de vencer o outro, mas de mostrar comprometimento, união e honra ao seu clã. Os jovens correm com seu máximo, buscando representar com dignidade o nome de seus clãs

O percurso do Ahu'ra leva até o Wedetede, um espaço sagrado, onde os jovens correm lado a lado, tentando chegar antes do outro clã. No entanto, o verdadeiro valor dessa corrida está no respeito mútuo e no equilíbrio que ela reforça entre os clãs. Cada passo é um gesto de reconhecimento da força coletiva e da importância da convivência entre os grupos.

Assim, o Ahu'ra não é apenas uma corrida, mas um ensinamento ancestral sobre convivência, coragem e sabedoria. É o momento em que o corpo, pintado de preto, torna-se símbolo de poder. Ao final, todos celebram juntos, reafirmando que a verdadeira vitória é a harmonia entre os clãs e a continuidade da tradição do povo A'uwẽ Uptabi.

Cada lado escolhe dois ou três jovens para correr e o objetivo é chegar primeiro ao Wedetede, local sagrado que representa o centro do mundo e o coração da aldeia. Às vezes, quando um jovem demonstra grande habilidade, ele corre sozinho para enfrentar dois do outro clã, mostrando sua determinação e honra. Essa corrida não é apenas física, mas espiritual, é o reencontro dos clãs com suas forças ancestrais e a confirmação de que os jovens estão prontos para servir à coletividade.

2.4 'RITÉI'WA – Jovem

Figura 26: 'Ritéi'wa



Fonte: Arquivo pessoal, desenho com lapis de cor e caneta nankin preta. 2025

Ao final do Herói'wa, os jovens retornam à aldeia transformados. Não são mais os mesmos que iniciaram, o ritual agora é reconhecido por toda a comunidade como Ritéi'wa, prontos para assumir responsabilidades dentro da vida coletiva. Seus corpos e espíritos foram fortalecidos pela água, pela pintura, pela corrida e pelos ensinamentos dos mais velhos. Eles aprenderam, na prática e no silêncio, o verdadeiro sentido da solidariedade, do respeito e da tradição.

O retorno é marcado por cânticos e alegria. As famílias os recebem com orgulho, pois sabem que cada jovem traz consigo a experiência vivida no rio, na corrida e Hö. O Herói'wa não forma apenas guerreiros, mas homens de palavra, coragem e sabedoria, capazes de manter paz entre o passado e o presente.

Ser A'uwẽ Uptabi é compreender que tudo está ligado ao corpo e o espírito, o ser humano e a natureza, o indivíduo e o coletivo. É viver em harmonia com o povo, e os ensinamentos que vêm dos ancestrais. Cada pintura traçada e canto entoado, a corrida realizada são memórias vivas da força ancestral que continua pulsando entre as gerações.

O Herói'wa é, portanto, mais do que um simples rito de passagem é uma celebração da continuidade da vida A'uwẽ Uptabi. É o momento em que os jovens assumem o compromisso de manter acesa a chama dos antigos, de proteger o modo de ser e existir do seu povo e de transmitir adiante os valores que sustentam a comunidade.

Assim, o ciclo se renova. Os jovens, agora 'Ritéi'wa, passam a carregar dentro de si a voz dos antepassados e a responsabilidade de preservar a cultura, a sabedoria e o espírito do povo A'uwẽ Uptabi, garantindo que o Herói'wa continue sendo um elo entre o ontem, o hoje e o amanhã.

O Ritual Ritéi'wa

Quando o adolescente A'uwẽ Uptabi completa seu período de convivência e aprendizado na casa dos adolescentes, ele está pronto para uma nova etapa espiritual e social, o ritual Ritéi'wa. Esse momento marca a passagem para uma fase mais elevada da vida, simbolizando o amadurecimento do corpo e do espírito, e o fortalecimento da ligação entre o jovem, seus ancestrais e a natureza.

O termo Ritéi'wa refere-se aos jovens que passam pelo ritual de furação das orelhas, uma prática ancestral que carrega significados profundos. O furo nas orelhas representa a abertura para escutar os ensinamentos da comunidade, os conselhos dos anciãos e as vozes dos espíritos dos ancestrais. É um ato simbólico de escuta, respeito e sabedoria.

Durante esse ritual, a aldeia inteira se mobiliza. Os padrinhos, os pais e os anciãos se reúnem em torno dos jovens, cantando, dançando e entoando palavras

sagradas. Cada canto e cada movimento corporal são uma forma de comunicação com o mundo espiritual. O corpo, pintado com vermelho (urucu) e preto (carvão), torna-se um canal de força e proteção.

Nesse momento, o jovem já compreende que a pintura não é apenas estética, mas uma linguagem que expressa sua identidade, seu clã e seu estado espiritual. Ser Ritéi'wa é aprender a viver com responsabilidade, sabendo que o corpo é um símbolo do povo e que cada gesto carrega a memória dos antepassados.

Os jovens passam mais tempo fora de casa com seu grupo, geralmente eles acampam longe da aldeia, refletindo, ouvindo os mais velhos e fortalecendo os laços do grupo. Esse tempo de recolhimento é importante para que aprendam a dominar o corpo, controlar as emoções e compreender a importância do silêncio, porque, para o povo A'uwê Uptabi, o silêncio também fala.

Após o furo das orelhas e as cerimônias, os Ritéi'wa recebem novos adornos, feitos de penas e fibras. Esses adornos não são apenas enfeites, mas símbolos de status, coragem e harmonia. Eles representam a ligação entre o homem e o universo, o corpo e o espírito, o visível e o invisível.

Os jovens Ritéi'wa são, então, reconhecidos como guardiões da floresta e da cultura. A partir desse momento, passam a participar de eventos importantes da aldeia e começam a compreender as responsabilidades dos adultos. Estão prontos para representar o povo A'uwê Uptabi em cerimônias, encontros e decisões coletivas.

A furação das orelhas, portanto, é mais do que um rito de passagem. É um ato de escuta ancestral, onde o jovem abre seus ouvidos não apenas para as vozes humanas, mas também para os sons do vento, do rio e dos espíritos que habitam a terra.

Assim, o ritual Ritéi'wa reafirma o compromisso do indivíduo com o coletivo e a continuidade do saber ancestral. Ele ensina que o ser humano não está separado da natureza, ele é parte dela, e tem o dever de cuidar dela com amor e respeito.

Considerações Finais

Concluir este trabalho é como retornar ao centro da aldeia depois de um longo ritual, volto diferente, mas carregando comigo tudo o que meus avós me ensinaram. Cada linha escrita aqui nasce do Da'u'ré que recebi na infância, das corridas, dos cantos que ouvi à noite e das memórias que os mais velhos guardaram com tanto

zelo. Ao longo da pesquisa, encontrei em Hipru Tsirowé um espelho profundo, suas palavras revelam que o corpo A'uwê Uptabi é casa, é história, é mapa espiritual. Foi como reencontrar um caminho que já está em mim, apenas esperando para ser dito.

Minha produção artística cresceu junto com esse reencontro. As pinturas, os traços, os signos ancestrais que percorrem minhas obras são formas de manter viva a pulsação do meu povo. Ao olhar para minha arte, vejo também a força de artistas como Djuna Tikuna, que transforma o corpo e a voz em caminho de resistência. Com ela aprendo que tradição não é passado é movimento.

No campo das Artes Visuais, minha pesquisa quer abrir um espaço onde a arte indígena respire com liberdade, sem ser folclorizada, sem ser diminuída. Quero que minha obra seja da comunidade, do clã, do ritual, caminhe ao lado de outras produções indígenas que hoje reescrevem a cena contemporânea. Que nossa presença seja percebida não como exceção, mas como fundamento.

E, socialmente, desejo que este trabalho seja uma chama pequena, mas firme. Que ilumine caminhos para que outras vozes indígenas possam falar, ensinar, criar e transformar. Que a cultura A'uwê Uptabi continue viva nos corpos, nas escolas, nas artes, na memória e no espírito ancestrais. Que este trabalho seja apenas uma das muitas pegadas que deixamos para quem ainda virá.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOPES DA SILVA, Aracy; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). *A temática Indígena na escola: subsídios para professores de 1º e 2º graus*. Brasília: MEC/ Mari/ UNESCO, 1995.

MIRANDA, C. F. *A autoetnografia como prática contra-hegemônica*. Teoria e Cultura, Juiz de Fora, v. 17, n. 3, p. 70-85, dez. 2022.

TSIROWÉ, Hipru. *A'uwê uptabi: pintura corporal e estética xavante*. São Paulo: Edições Sesc, 2021.

